

"ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO: PRA QUEM ENXERGA, POIS PRA QUEM NÃO ENXERGA NÃO DÁ PÉ"
Stefanie Gil Franco
FESPSP

Arthur Bispo do Rosário, se encontrou em “22 dezembro 1938” enclausurado na Colônia Juliano Moreira, hospital psiquiátrico do Rio de Janeiro, após receber a missão de 7 anjos de aura azulada para reconstruir a passagem das coisas pela terra. Daí até o fim, Bispo dedicou-se incansavelmente à sua missão, tal como lhe foi ordenado. Para tanto reutilizava todo tipo de material encontrado na “terra dos homens”.

Anos mais tarde, Bispo foi “descoberto” por importantes críticos de arte e, por essa hora, sua figura entrou numa outra lógica de associação; o domínio da arte contemporânea viu em suas obras uma estética brilhantemente capaz de se articular com as novas propostas que ascendiam durante os anos de 1980, incorporando-as, assim, à grandes exposições ditas “contemporâneas” e conceituadas como *ready-mades e assemblages*

Num outro plano de associação, a psicanálise encontrava (na segunda metade do século XX) um valioso material de interesse científico nos trabalhos plásticos produzidos por internos de institutos psiquiátricos. Segundo Nise da Silveira, essas obras colaboravam no estudo da psiquê “por emitir menos difícil acesso ao mundo interno do esquizofrênico”; o que ela chamou de “Imagens do Inconsciente”. Encantado com estas produções, Mario Pedrosa, importante crítico de arte, indagou sobre o aspecto verdadeiramente artístico dessas imagens do inconsciente, cunhando o termo *arte virgem* para designá-las.

Em várias partes do mundo, termos foram criados para classificar as “artes menores”, como a arte feita por negros, por povos indígenas, por doentes mentais..., entre elas podemos citar a *outsider arte*, a *folk art*, a *arte degenerada* (cunhada pelo regime nazista para designar a arte moderna)... Alguns críticos de arte tomaram a obra de Bispo como instrumento de combate a essas categorias – dando-lhe o status de Artista em contraposição à condição de um Artista adjetivado como *menor*.

Esta pesquisa propõe ir em direção à uma formação histórica específica (Foucault, 2006) que sublinha Bispo do Rosário como um interessante foco para a discussão entre arte e loucura. De um lado aqueles que dizem que Bispo era um autêntico artista contemporâneo e de outro aqueles que vêem em suas criações mostras de sua esquizofrenia. Neste sentido, ambos implicam num poder de julgamento, que capturam a criatividade de Bispo segundo regras morais, científicas e estéticas – uma buscando reduzir a outra.

Bispo dizia ser um missionário; nem louco, nem artista. Bispo era um missionário. E qual poder de julgamento lhe é melhor cabível? Para ele próprio não importava; o que não podia deixar de ocorrer era sua reconstrução do mundo. Tanto sua relação com a arte quanto com a psiquiatria eram apenas registros de sua passagem pela terra, de sua missão..., mas, como ele próprio dizia: *isto é pra quem enxerga, pois pra quem não enxerga não dá pé...*

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA RESUMIDA:

Foucault, Michel. Ditos e Escritos. São Paulo: Forense Universitária, 2006 (vol. 1,2,3,4,5);

Hidalgo, Luciana. Arthur Bispo do Rosário: o senhor do labirinto. Rio de Janeiro:Rocco, 1996.

Lázaro , Wilson. Arthur Bispo do Rosário - Século XX. São Paulo: Cosac&Nayfe, 2007;

Silveira, Nise da. *Imagens do Inconsciente*. Brasília : Alhambra, 1981;

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O Nativo Relativo. UFRJ: *Mana*, vol. 8, nº 1: 113-148., 2002